

# Adélia Prado – Nem um verso em dezembro

Não quero nunca desejar a morte,  
a não ser por santidade, como a chamou Francisco: irmã.  
É quase 25 e nem um verso.

Movo as pernas sem conter meus quadris,  
como deveria ter feito a vida toda,  
pra conquistar o mundo.

Borboletinhas pardas, ciscos, seixos, gravetos,  
água de sabão escapando do muro, duram ofertados  
enquanto percorro o bairro,  
a menina me olha do alpendre ladrilhado  
e nem um verso.

Eu primo na minha obra porque é tudo que tenho.  
Na casa de três cômodos, de terreirinho escorrido,  
a vida é ruim, a alma fica gemendo: ô vida.

Desguio dali uma ideia de suicídio  
que paira sobre o telhado junto com a antena do rádio,  
mas a ideia volta, e nem um verso.

Preciso me confessar ao homem de Deus:  
cometi gula, ansiei pelo detalhe das fraquezas alheias  
e mesmo tendo marido explorei meu corpo.

Nem um verso em dezembro, eu que para isso nasci e vim  
ao mundo.

Minha alma quer copular.

Os magos passam de jato, a estrela se esconde,  
chove torrencialmente no Brasil.

**Adélia Prado, O coração disparado**